

A Internacionalização de empresas e a dinâmica do setor da Indústria Agroalimentar

The internationalization of companies and the dynamics of the Agrifood Industry sector

La internacionalización de las empresas y la dinámica del sector de la Industria Agroalimentaria

Recebido: 16/05/2022 | Revisado: 23/05/2022 | Aceito: 24/07/2022 | Publicado: 24/07/2022

Alexandre de Aguiar Nunes Júnior

ORCID: 0000-0002-5973-4880

CEFETMG, Brasil

E-mail: alexandre_njr@hotmail.com

Rafael Sander Soares de Souza

ORCID: 0000-0003-0180-0782

CEFETMG, Brasil

E-mail: rafaelsander3@outlook.com

Ítalo Brener de Carvalho

ORCID: 0000-0002-8466-5215

CEFETMG, Brasil

E-mail: italobrener@hotmail.com

Resumo

O objetivo dessa publicação é apresentar uma perspectiva do processo de internacionalização das empresas. As trocas comerciais globais incluem setores muito específicos e de fundamental importância em um cenário competitivo internacional, como o automotivo, o financeiro e o apresentado neste artigo: o setor agroalimentar. O estudo perpassa pelas características da internacionalização e do setor propondo uma discussão crítica das barreiras ao seu desenvolvimento. A metodologia utilizada foi pesquisa bibliográfica tendo como expoentes modernos os estudos organizados por Cavusgil e Diken, para a atualização dos dados foram utilizadas as informações disponibilizadas por agências de investimento internacional e pelo Ministério de Desenvolvimento da Indústria e Comércio Exterior Brasileiro (MDIC). A contribuição deste artigo está em

fomentar proposições críticas à dinâmica da indústria agroalimentar internacional e a participação competitiva das empresas brasileiras.

Palavras-chave: Born Global; Negócios Internacionais; Agroindústria; Setor Agroindustrial Brasileiro; Setor Alimentar; Futuro da Agroindústria.

Abstract

The purpose of this publication is to give a perspective of the internationalization process of companies with a focus on the Agri-food Industry sector. Global trade exchange include specific sectors and has fundamental importance in a competitive scenario, such as the automotive, financial and the one presented in this article: the agri-food sector. The study goes through the characteristics of internationalization and the sector and proposes a critical discussion of barriers to its development. The methodology used was a research from the international bibliography with Cavusgil and Diken as modern exponents, from the information made available by international investment agencies and from the Brazilian Ministry of Industry and Foreign Trade Development. The contribution of this article is in providing information and in promoting critical proposals to the complex dynamics of the international agri-food industry and the competitive participation of Brazilian companies.

Keywords: Born Global; International Business; Agribusiness; Brazilian Agribusiness Sector; Agri-Food Future.

Resumen

El propósito de esta publicación es dar una perspectiva del proceso de internacionalización de las empresas con foco en el sector de la Industria Agroalimentaria. Los intercambios comerciales globales incluyen sectores muy específicos y de fundamental importancia en un escenario competitivo, como el automotor, financiero y el que se presenta en este artículo: el sector agroalimentario. El estudio pasa por las características de la internacionalización y del sector y propone una discusión crítica sobre las barreras para su desarrollo. La metodología utilizada fue la investigación de la bibliografía internacional con Cavusgil y Diken como exponentes modernos, debido a la información disponible por las agencias de inversión internacionales y por el Ministerio de Industria y Desarrollo del Comercio Exterior de Brasil. La contribución de este artículo es brindar información y promover propuestas críticas a la compleja dinámica de la

industria agroalimentaria internacional y la participación competitiva de las empresas brasileñas.

Palabras clave: Born Global; Negocios Internacionales; Agroindustria; Sector Agroindustrial Brasileño; Sector Alimentario; Futuro de la Agroindustria.

Introdução

A história da sociedade se funde com sua evolução comercial, das primeiras relações de trocas as relações econômicas atuais, que beneficiaram a evolução do mundo até o qual é conhecido hoje, especialmente após os primeiros movimentos mercantilistas (Mazzucato, 2018). Após o período da segunda guerra mundial foi possível observar a ocorrência de eventos significativos que permitiram um avanço e o desenvolvimento da complexidade da economia global e a reorganização da ordem econômica mundial. Alguns estudos que enfatizam essa questão, a exemplo de estudos produzidos por Peter Dicken, Costas Arkolakis e Mariana Mazzucato, de acordo com esse primeiro – para enfatizar essa complexidade - “[...] vários produtos têm uma geografia tão complexa [...] que as etiquetas de origem deixam de ter significado” (Dicken, 2010, pág 24).

Em primeiro lugar, deve-se entender que no chamado “Hiper Globalismo”, em que as noções de fronteiras são cada vez mais deixadas de lado pelo nível de conexão que as diferentes partes do globo alcançaram. Esse fenômeno se constitui pelo modo pelo qual os mercados de diferentes países e regiões interagem entre si, aproximando mercadorias, pessoas, costumes, tradições, comidas e, além disso, produtos típicos de determinada localidade passam a estar presentes em outros lugares ao redor do globo (Dicken, 2010). Isso acontece graças à troca e liberdade de informações que a globalização pode proporcionar.

Segundo Coelho e Oliveira (2016, pág 18) o fenômeno da internacionalização citado por Dicken (2010), tem se tornado um problema público no contexto da ampla competição global. Considerado destaque na agenda política, objeto de intenso incentivo já que há impacto direto nas exportações e no plano econômico de governo. Portanto, objetivando “aumentar o poder de barganha e influência internacional do país, dinamizar internamente sua economia e reduzir sua vulnerabilidade às potências mundiais”. Entretanto, esse fenômeno envolvendo as trocas comerciais não é benéfica para os dois

lados e a prosperidade provocada por esse fenômeno não é homogênea. Os países que se beneficiam disso são aqueles que detêm o desenvolvimento de tecnologia. Dicken (2010) cita em sua obra “Mudança Global” (2010) o surgimento de clusters (por exemplo, o Silicon Valley/Califórnia, Inglaterra com seus bancos de investimentos, Coréia do Sul e suas empresas de tecnologia, entre outros ao redor do planeta) e sinalizam alguns motivos que levam à sua formação, como atração de atividades relacionadas/ligadas, estímulo para o empreendedorismo e inovação, diversificação econômica, melhoria das infraestruturas físicas, entre outros.

As afirmações de Dicken, (2010), de Cavusgil (2010) se alinham na afirmação de que estratégias empresariais e nacionais de desenvolvimento, cujas implicações teóricas e empíricas podem levar a releituras, tanto das abordagens predominantes da internacionalização (como o Paradigma Eclético de Dunning e a Escola de Uppsala) motivadas e impactadas pela complexidade econômica diversa das nações, empresas e recursos disponíveis. Portanto, pode-se observar que vivemos hoje em uma realidade em que não se pode perder de vista o que ocorre em toda a economia global, uma vez que todo e qualquer evento pode e irá impactar, direta ou indiretamente, todo seu entorno (Coelho, e Oliveira Junior, 2016).

A concentração desses clusters forma a “Tríade Global” (Leste dos EUA, Europa ocidental e Sudeste Asiático) e é nela que se concentram os fluxos de pessoas, câmbio/riqueza, mercadorias/commodities e todos os outros elementos que se destacam na integração das economias e dada a complexidade dessa interconexão e como ela proporciona benefícios para seus integrantes, nações e grupos que se excluam dessa relação (na forma de blocos econômicos, por exemplo) irão se mostrar altamente não competitivos e serão até mesmo excluídos pelos demais.

Cavusgil (2010) sinaliza que o processo de internacionalização requer a participação de diversas empresas, tais como, as focais (produção), intermediárias (logística) e facilitadoras (assistência jurídica, bancária etc.). Uma empresa se desenvolve de acordo com a cobrança do seu mercado consumidor e ao se internacionalizar para absorver o conhecimento no exterior ela também se expõe à riscos inéditos que podem alavancar seus negócios ou levar à ruína. Então, por que as empresas se internacionalizam? Quais as dinâmicas presentes na evolução do setor agroalimentar brasileiro? Quais as críticas e questionamentos que devem ser considerados?

A Internacionalização das Empresas

De acordo com Cavusgil (2010), o que justificaria a internacionalização das empresas seria o “aumento nas perspectivas de vendas e lucros, buscar prestar melhor atendimento a clientes, ter acesso a fatores de produção de menor custo, ou melhor, valor, aperfeiçoar as fontes de suprimento, desenvolver economias de escala, enfrentar a concorrência de forma eficaz, manter relacionamentos vantajosos com parceiros estrangeiros e obter novas ideias para a criação ou a melhoria de bens e serviços” (Cavusgil e Tamer, 2010, p. 20).

Entretanto, os riscos possíveis para os agentes participantes dessa internacionalização também são considerados. Divididos em quatro grupos distintos: risco intercultural (má interpretação cultural coloca em jogo alguns valores humanos), risco país (movimentações no cenário político, econômico e jurídico dos países), risco cambial (flutuações nas taxas de câmbio) e risco comercial (possibilidade de sucesso ou fracasso de uma empresa) (Cavusgil e Tamer, 2010, p. 20). Esses riscos, quando superados, também são responsáveis por consequências sociais e empresariais diretas. Essa primeira é alvo de maiores controvérsias entre os estudiosos, mas é certo que há o que se conhece como *offshoring*, ou seja, a realocação das atividades da cadeia de valor para localidades no exterior, onde elas podem ser executadas a um preço menor. Pode-se considerar também como impactos diretos o aumento da defasagem entre ricos e pobres, impactos ambientais e perda de valores culturais de cada nação. Segundo Peres (2018, p. 18), “A inserção no mercado internacional é uma das alternativas para que as organizações consigam maximizar seus lucros e operações. Porém, muitas delas não possuem toda a estrutura e pessoal preparado para iniciar a importação ou exportação. Desta forma, buscam serviços terceirizados para realizar esta proposta: contratação de *trading companies*”.

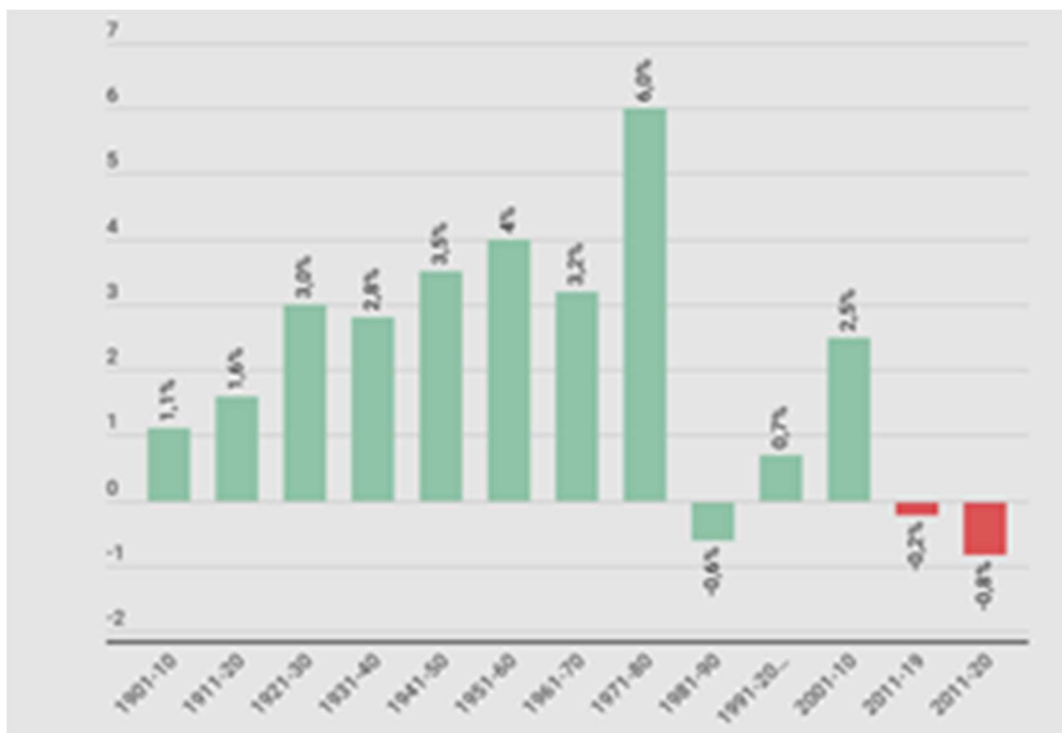
As *Trading Companies* citadas por Peres (2018) possuem um papel fundamental no mundo globalizado, pois elas tornam as relações exteriores mais simples proporcionando segurança e diminuindo os riscos e, conseqüentemente, as empresas podem focar nos objetivos que realmente as levam à este processo inédito, desafiador e as vezes muito caro: reduzir os encargos sobre seus produtos/serviços já que países

tendem a não taxar exportações, desenvolver uma marca global para que se tenha um diferencial no mercado interno/externo, aumentar sua escala de negócios para diminuir o impacto proporcionado pelas sazonalidades regionais, captar recursos em moeda estrangeira mais estável para se protegerem das oscilações cambiais da moeda de seu país de origem, atender a demanda estratégica de algum parceiro econômico, entre outros motivos.

Segundo Dicken (2010), ainda há grandes mudanças no mapa da economia global e o alcance real delas é extremamente irregular, pois pouquíssimos países em desenvolvimento têm apresentado crescimento sólido. Logo, além de todos os desafios que as empresas enfrentam para se internacionalizar ainda há os entraves macroeconômicos específicos para cada nação que para Dicken (2010, pag. 88) formam um “mosaico de desigualdades em contínuo estado de fluxo inter-relacionado”.

Estudos de projeções demográficas e crescimento do BRIC para até o ano de 2050, são desenvolvidos por modelos econométricos que envolvem (1) acumulação de capital até um aumento da produtividade, (2) mapeando o crescimento do PIB, (3) renda per capita (4) e a movimentação do dinheiro. Tais dados, apesar de, obviamente, não necessariamente representar a realidade, já demonstram um potencial bastante otimista para a economia dos países que compõem o grupo, podendo, dentre algumas conclusões, se tornar a força dominante na geração de crescimento e poder de compra das próximas décadas, superando o tamanho da economia das atuais economias do G6 (composto por EUA, Japão, Alemanha, França, Reino Unido e Itália).

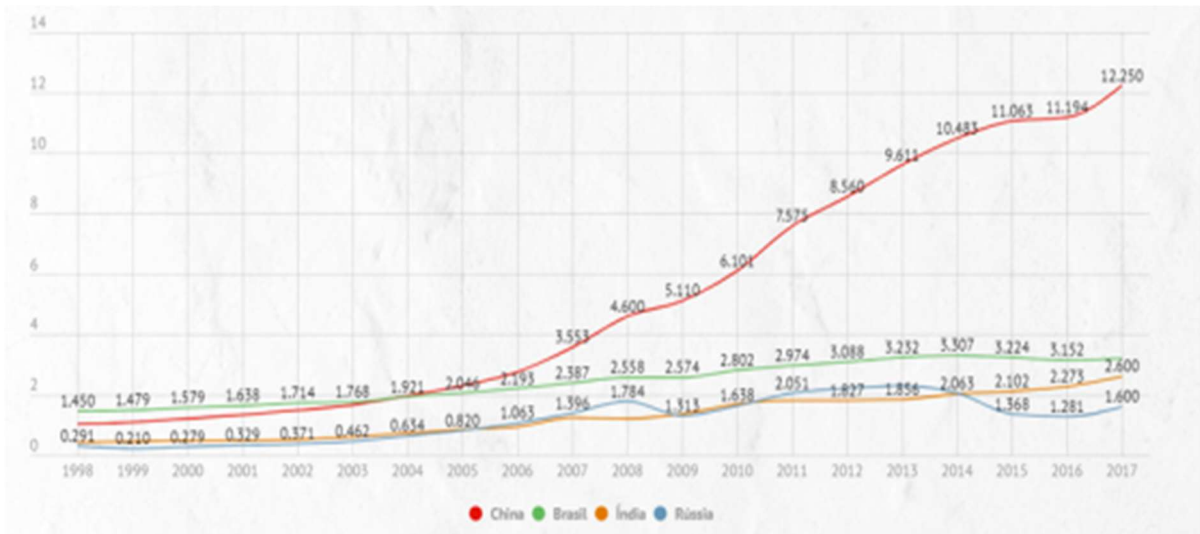
Mas há impedimentos para que estas projeções se realizem. Essa realidade só teria chances acompanhadas de desafiantes políticas estatais que favoreçam o movimento, tais como altos índices de escolaridade, abertura comercial e políticas industriais de inovação, investimentos, estabilidade e de instituições públicas e políticas macroeconômicas sólidas. Apesar de uma projeção de liderança em vários setores, a manutenção da pobreza em relação aos países do G6 se mantém, apresentando médias de renda per capita bem inferiores.



Fonte: Fundação Getúlio Vargas (FGV)

O gráfico acima demonstra o retrocesso no em PIB per capita dos brasileiros há 12 anos que pode ser visto também, como uma inversão. A dificuldade dos líderes nacionais em solucionar os problemas estruturais do país (geração e distribuição de renda, aumento do nível de escolaridade, abertura de mercado, diminuição de desemprego, entre outros) está reduzindo drasticamente o potencial de crescimento citado nos relatórios de estudo de investimento do Goldman Sachs (2004) que já previa esta dificuldade, porém com uma visão bastante otimista. Portanto, pode-se concluir que, por mais que projeções busquem prever os próximos passos da economia global, essa área é muito complexa e dependente de fatores internos e externos à cada nação. Decisões tomadas em grandes economias e acontecimentos de escala global (como a atual pandemia da COVID-19 em que vivemos) são capazes de alterar toda a dinâmica dessas relações, sendo que, quanto maior o tempo de previsão de um estudo, maior a sua proximidade com a futurologia do que com a ciência propriamente dita.

Gráfico 2 – Série histórica do PIB dos BRIC



Fonte: Elaboração Pedro Nakamura, 2011

O Gráfico acima mostra a série histórica do PIB dos BRIC e pode-se perceber que, exceto a China, os outros países estão estagnados ou com crescimento muito lento. Apesar disso, os BRIC não deixaram de possuir o potencial para atingir patamares de desenvolvimento mais altos, apesar de a China estar um pouco à frente no quesito econômico, mas não no social. O escritor futurista norte-americano Alvin Toffler cita em sua obra “A Terceira Onda” publicada em 1980 que as grandes transformações da humanidade e das nações podem ser divididas em “ondas”. Ele sugeriu que a história poderia ser contada em três grandes ondas – Agrícola, Industrial e Tecnológica – sendo que atualmente estamos situados na transição para a terceira onda com início por volta de 1955 nos Estados Unidos e em alguns outros países que estavam no auge do seu desenvolvimento industrial: Alemanha, Japão, Reino Unido, França e, mais tarde, Coreia do Sul, Itália, Espanha, Austrália e China. Devido a este avanço acelerado da tecnologia, Toffler (1980) considerava que o conhecimento (alinhado com o desenvolvimento tecnológico) passou a ser o meio dominante sobre as outras nações, pois os países que detém o conhecimento da produção de riquezas/tecnologias podem reduzir a participação de outros meios de produção. Por exemplo, atualmente os celulares da Apple são desenvolvidos na Califórnia/EUA e fabricados na china, ou seja, o conhecimento da produção de riqueza está nos EUA e o processo produtivo está na China (processo conhecido também como *offshoring*).

Levando em consideração a visão de Toffler (1980) no Brasil, por exemplo, há muita dificuldade em estabelecer um consenso, tomar decisões e realizar reformas

estruturais no ambiente sociopolítico para que possamos atingir os níveis de crescimento projetados em estudos desenvolvidos por instituições de investimentos internacionais como “O Futuro Pertence aos BRIC – Goldman Sachs”, pois o país ainda continua olhando para o passado e tentando resgatar políticas que não obtiveram sucesso e que, segundo Toffler (1980), adaptar-se e saber lidar com uma nova realidade é o maior desafio da atual geração. Sendo assim, para desenvolvermos no âmbito socioeconômico devemos investir na modernização e solidez das instituições, além de uma educação de qualidade com uma visão mais flexível e democrática que busque inovação e superação das adversidades, pois durante esta transição o poder de adaptação das comunidades fará a diferença no enriquecimento das nações.

A Globalização de uma Indústria: O Setor Agroalimentar

Considerado como a soma das operações de produção e distribuição de suprimentos agrícolas, das operações de produção nas unidades agrícolas, do armazenamento, processamento e distribuição dos produtos agrícolas e itens produzidos a partir deles (Davis e Goldberg, 1957), a indústria agroalimentar já representa um terço do PIB global (BANCO MUNDIAL, 2018) e se mostra como um dos setores altamente promissores para o futuro, dado o rápido aumento populacional que, por estimativas, deve alcançar 9,7 bilhões de pessoas até 2050 (IDEIES, 2019). Nesse sentido, por ser formado principalmente por empresas focais, ou seja, aquelas que realizam transações comerciais internacionais e concebem, desenvolvem e produzem as ofertas destinadas ao consumo em escala global (Cavusgil e Tamer, 2010, pág 63), é um setor responsável pelo desenvolvimento de diversos nichos correlatos. Como desafio pode-se citar a inovação (transgênicos), a logística (infraestrutura deficiente), o hábito de consumo dos consumidores (aumento na procura por produtos orgânicos), problemas climáticos (escassez de chuva), impactos socioambientais (disputas por terras/queimadas), dentre outros segundo Dicken (2010).

Entender a forma pela qual as empresas desse setor são divididas de forma macro: produção de matérias primas (aquelas responsáveis pelo fornecimento de insumos), industrialização (encarregadas pela transformação das matérias primas em produtos) e comercialização (viabilizam o consumo e comércio da produção) (Toledo, 2000). Essa

divisão e a sua presença entre os países, aponta que os principais *players* internacionais são Estados Unidos, Brasil (mesmo que represente somente 10% de seu PIB), China e o bloco econômico da União Europeia (JACTO, 2019).

Outro ponto importante a considerar diz respeito à produção global das matérias primas dessa indústria, que se concentraram de forma mais intensa no milho, trigo, arroz e soja (IDEIES, 2019). Dificilmente, um consumidor que viu sua saúde prejudicada pela ingestão de um produto deteriorado ou contaminado arriscaria novamente, se fosse possível evitar, comprar tal produto (Cavusgil e Tamer, 2010, página 64).

O setor da agroindústria é imenso e com grandes oportunidades, entretanto está muito concentrado nos big players (JBS, Ambev, Bunge Alimentos, BRF, Cargill, Minerva, etc.) em nosso país e, além disso, esses players incorporam ao seu grupo as pequenas e médias empresas que se destacam no setor, confirmando o aumento da concentração da oferta nas mãos de poucas empresas. Este processo de concentração vem preocupado ONG's do setor. "O setor está em muitas poucas mãos, dos insumos até a distribuição, passando pelas grandes comercializadoras de grãos", explica Lourdes Benavides, responsável por segurança alimentar da Oxfam Intermón.

Até o ano de 2050 haverá um aumento de até 70% no consumo mundial de alimentos (IDEIES, 2019), o que faz com que o setor agroalimentar se mostre como um importante representante econômico e deve ser tratado como tal. Para isso, como já citado, é fundamental o alinhamento com empresas do setor logístico que farão com que todo o ciclo econômico possa ser sustentado de forma perene e acompanhe a demanda global. Além disso, a participação de países que hoje possuem menor expressão deve também ser observada, como os constituintes do BRICS (Goldman Sachs, 2001) e do NEXT ELEVEN (Goldman Sachs, 2007), uma vez que o aumento na demanda implica tanto a maior eficiência dos atuais participantes, quanto a entrada de novos agentes na dinâmica global.

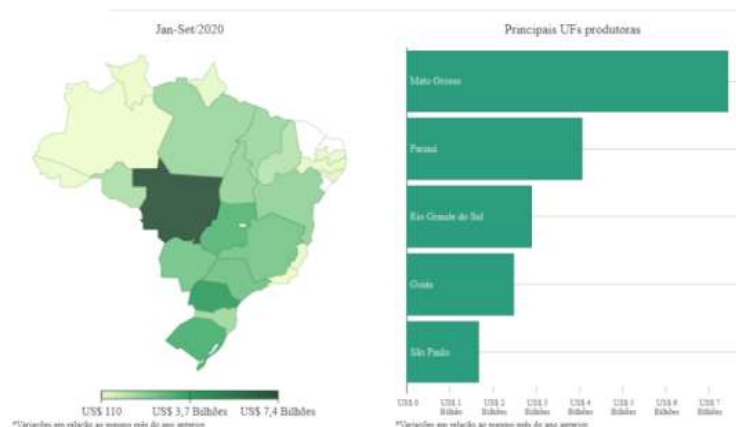
A internacionalização e as *born globals*

O desenvolvimento desse setor se inclui na dinâmica de globalização dos mercados ao redor de todo o globo. Com o processo de globalização mundial iniciado ainda durante o período mercantilista, em que as nações buscavam a maximização de sua

riqueza exportando mais do que importam (Cavusgil, 2010), em que as empresas cada vez mais se tornam presentes em outras nações, com a maior eficiência e especialização de setores de transporte e logística, por exemplo. Nesse sentido, têm-se observado que nas últimas décadas esse processo se tornou, de certa forma, uma vantagem competitiva sustentável para as empresas e passou a ser realidade estratégica delas (Costa et al, 2017), especialmente daquelas chamadas “*born globals*”.

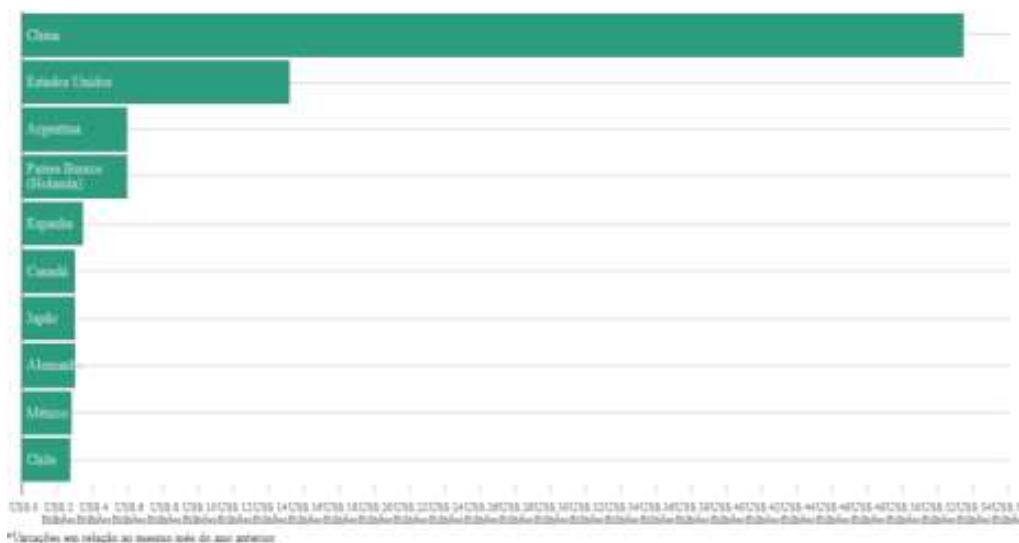
Primeiramente, aqui as chamadas empresas “*born globals*” são organizações que já se integram no comércio internacional a partir do momento em que passam a existir ou em seu estágio inicial (Cavusgil, 2010), não possuindo uma progressão como aquelas que são originalmente de menor abrangência. Sendo assim, um primeiro detalhamento do processo de internacionalização é feito pela Escola Nórdica de Uppsala que afirma ser feito em quatro estágios: exportação esporádica não regular; exportações por meio de representantes independentes; exportações diretas; e implantação comercial no país estrangeiro (Costa et al., 2017). Para muitas empresas do setor da agroindústria esse é exatamente o caminho natural de integração internacional. Uma vez considerado o setor que demanda altos investimentos em conta da escala necessária, o processo se inicia de forma local, no caso de uma fazenda familiar, por exemplo, se desenvolvendo e adquirindo espaço, propicia sua expansão para esferas cada vez mais amplas. Mas de forma comparativa é necessário que se apresente o contexto geral agro alimentar produtivo brasileiro. Nos próximos parágrafos apresenta-se esta realidade.

Gráfico 3 – Estados brasileiros e seu peso no PIB da nação



Fonte: Ministério de Desenvolvimento da Indústria e Comércio exterior do Brasil

Gráfico 4 – Principais destino das exportações brasileiras provenientes do setor agroalimentar



Fonte: Ministério de Desenvolvimento da Indústria e Comércio exterior do Brasil

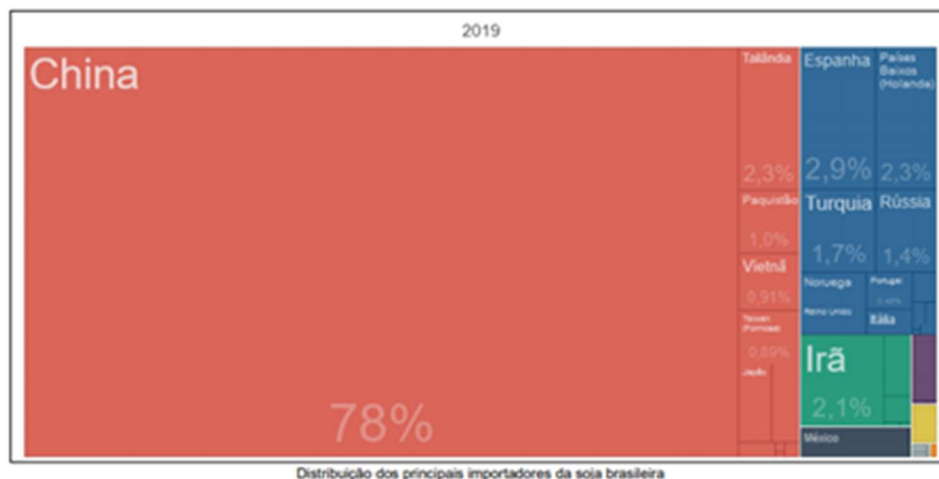
Os gráficos 3 e 4, mostram os principais destinos dos produtos exportados pelo Brasil. A China, como “fábrica do mundo”, consome a maioria esmagadora (78%) dos insumos produzidos e exportados daqui e, dentre eles, podemos destacar a Soja e as Carnes (bovina, suína e de aves) como produtos de extrema relevância para as exportações do setor agroalimentar em nosso país.

Para o mercado de soja, no ano de 2019, o Brasil apresentou posição de liderança no segmento, sendo o primeiro em nível de exportações, responsável por uma participação de 11.6% de todas as exportações mundiais (Costa, Garcia e Brene , 2015). Segundo o levantamento realizado para esta pesquisa no COMEX VIX (2022) pode-se dizer que no setor agropecuário essa representatividade foi de 60.6%. Em termos de valores brutos, isso corresponde a 26077.19 milhões de dólares e um volume de 74073.05 toneladas (por mais que tenha ocupado posição de destaque, isso representou quedas de 21.1% e 11% quando comparado com o ano de 2018). Ainda dentro da pesquisa realizada no COMEX VIX (2022) tem-se como principal destino do produto tem, em sua maioria, os países do continente asiático, na ordem de China (78%), Tailândia (2.3%), Paquistão (1%) e Vietnã (0.91%). Internamente, os cinco principais estados produtores no Brasil são Mato Grosso (28.5%), Rio Grande do Sul (16.7%), Paraná (13.8%), Goiás (6.68%) e São Paulo (5.36%).

Em se tratando de importações, o produto não apresenta tanta relevância, sendo responsável por 0.1% das importações totais e 5.32% das importações do setor agropecuário. Esses números representam 143.29 milhões de dólares e 477371.2

toneladas do produto. Como principais países parceiros, temos o Paraguai (responsável por 74.1% das importações) e Uruguai (responsável por 25.9% das importações). Segundo o MDIC (2019) por meio da consulta dos principais destinos de exportações brasileiras, além da soja, outro item que tem bastante relevância e vem em ritmo acelerado de crescimento nas exportações são as carnes (bovina, suína e aves), pois a cultura dos países de destino desses insumos favorece muito o aumento da demanda. Isso é muito bom para o Brasil, pois mostra que o produto é reconhecido/confiável pelos países estrangeiros e geram impactos positivos para as regiões produtoras (investimento em infraestrutura, logística, ofertas de emprego, geração de renda etc.).

Gráfico 5 – Principais destinos da soja brasileira



Fonte: Ministério de Desenvolvimento da Indústria e Comércio exterior do Brasil

O próximo produto escolhido diz respeito ao “Milho não moído, exceto milho doce” e podemos observar no gráfico abaixo, os principais países para os quais o Brasil exporta este produto.

Gráfico 6 – Principais destinos do milho brasileiro



Fonte: Ministério de Desenvolvimento da Indústria e Comércio exterior do Brasil

Seguindo com as análises das pesquisas realizadas no COMEX VIX, disponível no Ministério da Indústria e Comércio Exterior do Brasil (2022) assim como a soja, apresenta uma posição relevante dentro do setor agropecuário brasileiro, sendo responsável por 6.69% de todas as exportações do setor, o que lhe garante o posto de 3º lugar geral. Em questão das exportações totais brasileiras, esse valor é de 1.64% (equivalente ao posto de 14º). Esses números se traduzem em um volume de exportações de 13764.35 toneladas do produto e 2270.87 milhões de dólares. Além assim, a exemplo da soja, esses valores foram 37.5% e 40.4% menores, quando comparamos com o ano de 2018. Os principais destinos do milho também são os países da Ásia, se destacando Japão (15%), Irã (13%) e Vietnã (9.1%). No território brasileiro, a produção está concentrada basicamente no Mato Grosso (68.8% da produção nacional) e Goiás (10.9%). No âmbito das importações ocupa uma posição bem menos relevante, sendo o produto de posição 152 no ranking das importações gerais (representatividade de 0.08%) e, no âmbito do setor agropecuário, é somente o 9º produto mais importado (3.24% de participação). Esses dados correspondem a 87.18 milhões de dólares de 578383.5 toneladas. Os principais parceiros internacionais são o Paraguai (86.3%) e Argentina (8.96%) e, no Brasil, Paraná e Santa Catarina são os maiores demandantes (46.2% e 38.7%, respectivamente).

A Dinâmica do Contexto Industrial Alimentar Brasileiro

Esta é uma atividade econômica que engloba uma complexa cadeia de valor e abrange: atividade primária, beneficiamento da produção, distribuição/logística e consumo final. Tudo isso interage de forma dinâmica entre si, configurando-se um sistema produtivo complexo altamente competitivo.

Este setor está presente na humanidade e é necessário à sua sobrevivência. Logo, para entendermos como ele se desenvolveu no Brasil devemos nos remeter ao início da história do Brasil, ou seja, com a chegada dos portugueses à América, em que eles não viram um grande potencial de exploração dos recursos naturais na região, exceto pelo Pau-Brasil. O extrativismo para exportação deste insumo foi adotado em regiões de mata atlântica e foi predominante no início da exploração da nova colônia.

Com o passar dos anos, a demanda por açúcar e algodão na Europa cresceu muito e foi introduzido no Brasil o sistema de “*plantations*” que tinha como principal lavoura (utilizando a mão de obra escrava), a cana-de-açúcar. O Nordeste (principalmente, Pernambuco tinha uma terra muito propensa a este cultivo).

Já no período imperial, a política do país era predominada por famílias de agricultores (café, cana-de-açúcar e leite). Toda a política era voltada para os interesses dessa classe e o Estado era muito dependente economicamente destes itens. O Brasil surfou a alta demanda por café e cana-de-açúcar e, enquanto o resto do mundo diversificava sua produção e iniciava sua industrialização, nosso país foi na contramão do exterior e focou em basicamente dois produtos (café e cana). Entretanto, com a crise de 1929 o país praticamente quebrou, pois já que sua economia era predominada pelo café e a demanda deste produto praticamente foi extinta, o país sofreu fortes impactos na economia e na política. Logo, viu-se a necessidade de diversificar e modernizar o país com investimentos em indústrias.

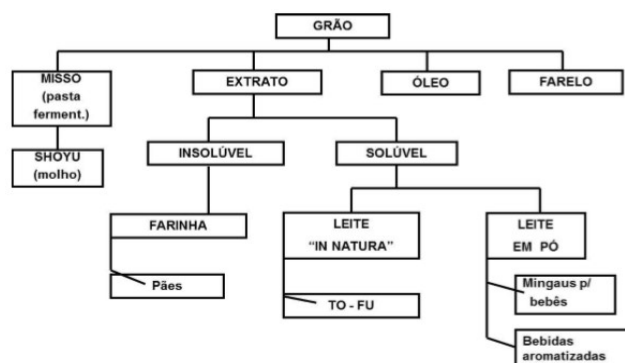
Além da necessidade de modernizar e investir em indústrias para explorar a riqueza natural do Brasil, o regime militar observou a necessidade, também, de ocupar regiões mais internas da nação (centro-oeste e Amazônia) para que o Estado não perdesse estes territórios e o potencial exploratório deles (devido à guerra fria). Para isso, o regime militar criou a EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), cujo objetivo era diversificar a produção agrícola e romper as fronteiras agrícolas. A primeira fronteira agrícola a ser rompida foi o bioma Cerrado e iniciou-se a produção em larga escala da soja, milho, algodão, feijão e a propagação da pecuária. Além disso, a produtividade

mundial, concomitantemente, aumentou drasticamente em um período que ficou conhecido como “Revolução Verde”, cujos países que eram potências agrícolas (EUA, China, México e Inglaterra) viram sua produtividade aumentar exponencialmente devido à disseminação de novas sementes (transgênicos) e práticas agrícolas inovadoras (rotação de culturas, plantio sob a palha etc.).

Após este período, na década de 90 (beneficiando pelo avanço tecnológico da época) começou uma forte utilização de máquinas modernas que propiciaram o aumento da produtividade, redução dos custos, intensificação do êxodo rural e a profissionalização desta área econômica. Houve também o rompimento do Estado como controlador da agricultura nacional, pois com o surgimento do agronegócio o Estado perdeu a relevância de controle do setor (cujo foi dominado até a década de 60). Foi nessa década que houve o *boom* da produção agrícola e pecuária brasileira no centro-oeste.

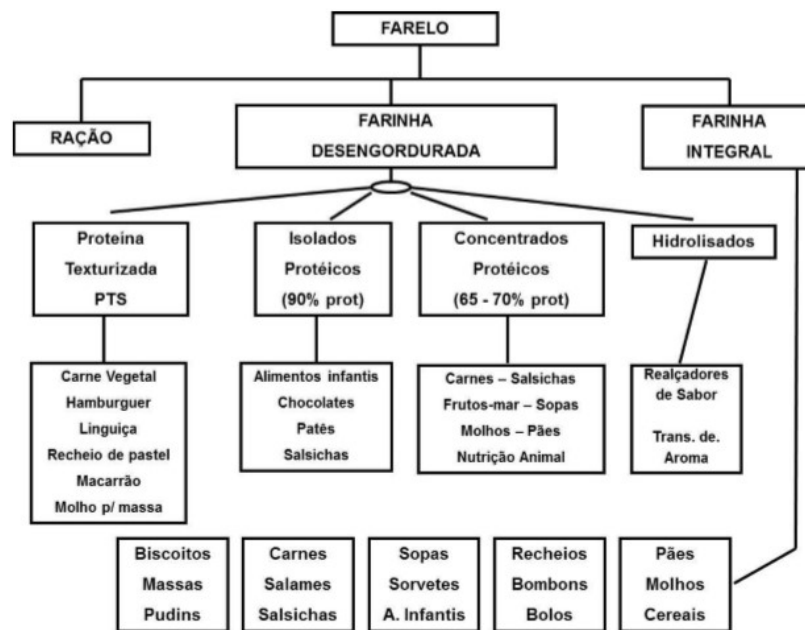
Atualmente, o Brasil é o 5º produtor mundial agrícola e seu portfólio neste setor de produtos exportados são predominado pela soja, carne bovina, milho, leite, cana-de-açúcar e frango, nesta ordem. A soja e muitos destes outros itens têm como principal destino o sudeste asiático, mais especificamente, a China. A soja é o principal produto exportado pelo Brasil e além desta ser uma *commodity* (preços controlados pelo mercado e equivalente no mundo inteiro), ela é um insumo polivalente e para entendermos a sua importância precisamos compreender o chamado “Complexo da Soja”, conforme abaixo:

Figura 1 – Produtos derivados do grão da soja



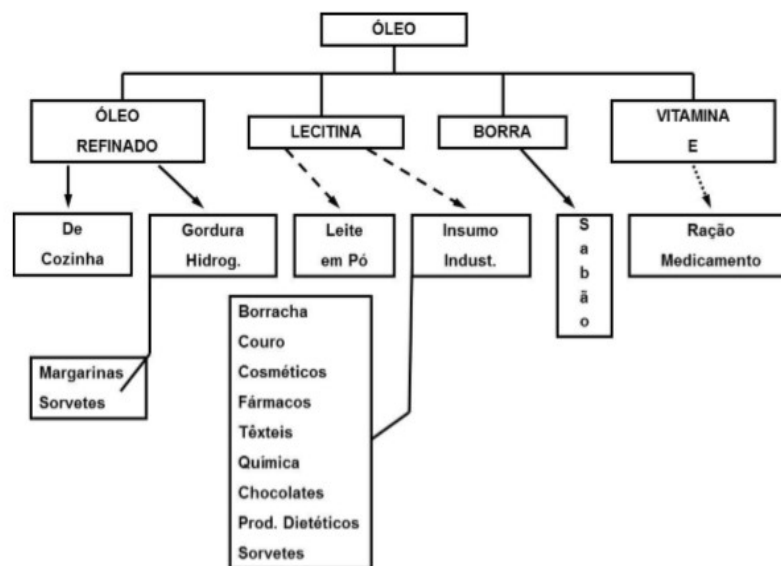
Fonte: EMBRAPA – O Agronegócio da Soja

Figura 2 – Produtos derivados do farelo de soja



Fonte: EMBRAPA – O Agronegócio da Soja

Figura 3 – Produtos derivados do óleo de soja

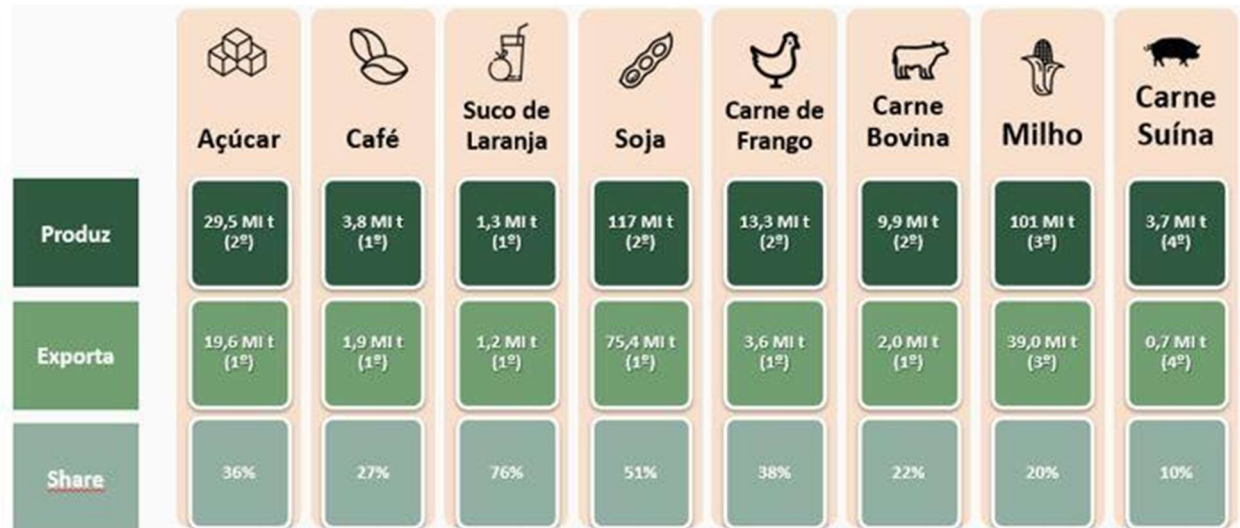


Fonte: EMBRAPA – O Agronegócio da Soja

A soja em grão pode ser transformada em vários outros subprodutos que vão em quase tudo que é industrializado logo a sua importância no mercado. Também, o fato de ser um insumo com alto valor nutricional faz dela ser utilizada como base para ração animal. Além disso, a indústria do beneficiamento da soja ocupa a 2ª posição no *ranking* de atividades industriais do setor no nosso país, ficando atrás somente da indústria da carne (abate e produtos de carne). Isso faz da carne e a soja produtos de bastante

relevância no cenário econômico nacional, já que 5 das 10 maiores empresas do setor são produtoras ou beneficiam estes insumos.

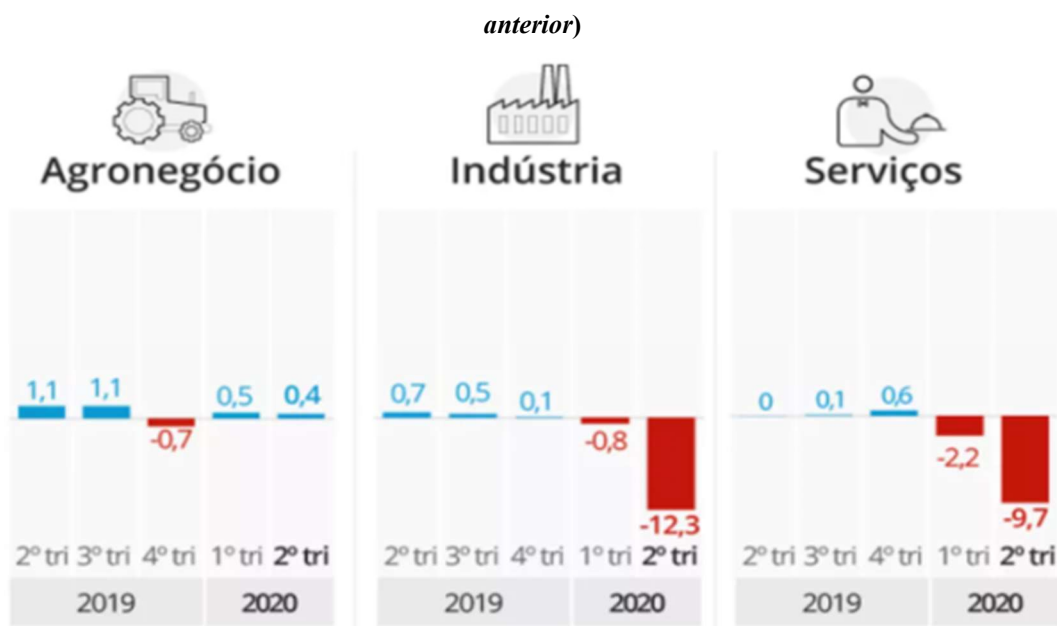
Figura 4 – Produção e Exportações Brasileiras no Ranking Mundial em 2019



Fonte: USDA, 2020 – Elaboração CNA.

O Conselho Nacional de Agricultura (CNA) resumiu na imagem acima, conforme dados provenientes do *United States Department of Agriculture* (USDA) ou Departamento de Agricultura dos Estados Unidos que no cenário mundial de produção e *Market share* das commodities, o Brasil ocupa posição de destaque nos principais produtos agrícolas e isso contribui muito para o fortalecimento do setor na economia e nas políticas econômicas. Isso demonstra a força deste setor na economia e a reversão ao longo do tempo de um país importador de alimentos para um dos “celeiros” do mundo e ainda tendo como base para sustentar e alavancar este avanço, o investimento em desenvolvimento de pesquisas e novas tecnologias que proporcionam a prática de novas técnicas de plantio, controle de pragas e aumento da produtividade no campo.

Figura 5 – Variação Trimestral dos Setores da Economia (em %, frente ao trimestre



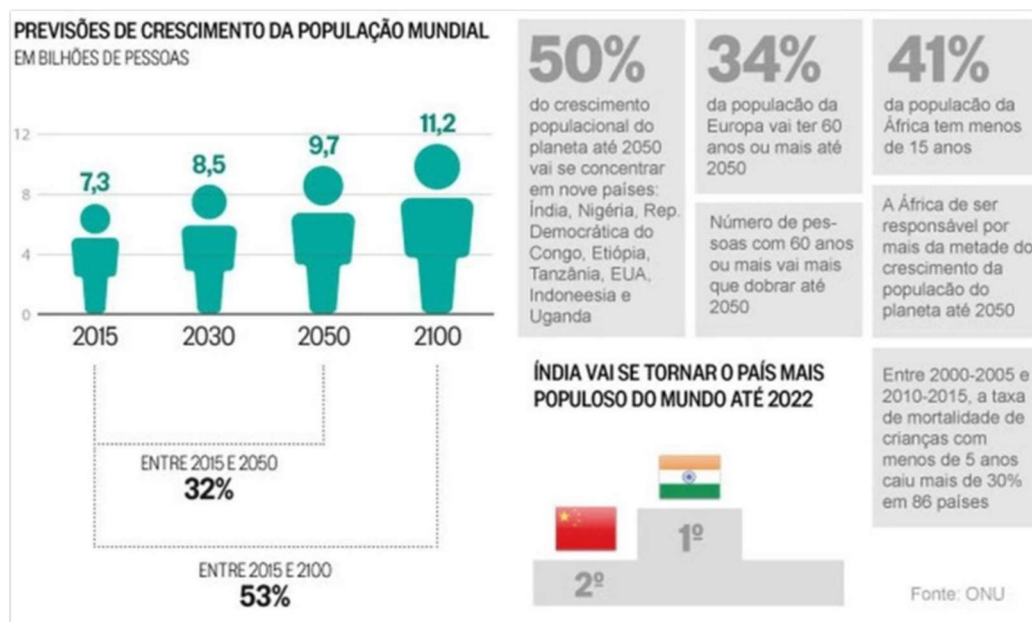
Fonte: IBGE – Elaboração G1 Notícias

Dados do IBGE apontam que no atual cenário de pandemia e crise sanitária o setor do agronegócio tem demonstrado bastante resiliência preservando empregos e garantindo sustento para as famílias brasileiras. Nesse sentido, podemos citar desafios que sempre estiveram presentes, estão presentes e, dada as características do setor, se manterão presentes. Como já foi citado anteriormente, um grande equívoco é pensar no setor agroalimentar como responsável somente pela produção primária (agricultura, silvicultura, latifúndios etc.). Contudo, o setor é muito mais que isso, indo desde a produção primária, passando pela industrialização, transformação ou não do produto, distribuição, comércio e consumo final. Esse fato apresenta um grande complicador para as empresas, que necessitam agregar valor em cada um dos subsetores, uma vez que nada adianta possuir uma produção e industrialização eficientes, se a distribuição (que é o ponto mais importante da cadeia) não acompanha o mesmo nível. O setor possui um ponto específico e que reforça essa ideia da cadeia logística, que diz respeito ao baixo tempo de vida útil de um produto, em que o tempo desde que um alimento sai da indústria até o momento em que se torna impróprio para o consumo é muito baixo, especialmente alimentos orgânicos. Existe um indicador, inclusive, muito utilizado que é chamado de “*shelf life*” e diz respeito ao tempo de vida útil de um produto.

Outro ponto importante a considerar é o aumento populacional em todo o mundo. Previsões realizadas pela ONU (como pode ser observado na imagem a seguir) dão conta

de que a população mundial deve alcançar a marca de 9.7 bilhões de pessoas até 2050 e, até o ano 2100, 11 bilhões de indivíduos. Retornando assim ao primeiro desafio apontado a necessidade de se agregar valor em toda a cadeia de produção para que a demanda seja atendida. Hoje, temos a Índia e a China como os maiores conglomerados populacionais do mundo e, por consequência, são os principais parceiros importadores do alimento produzido no Brasil.

Gráfico 7 – Previsões de crescimento populacional, segundo a ONU



Previsões realizadas pela ONU para o crescimento populacional até o ano de 2100. Aqui, é possível perceber a necessidade de evolução constante no setor agroalimentar e a importância das cadeias de distribuição para o atendimento de toda essa demanda nas próximas décadas.

Fonte: ONU

Por fim, uma outra característica muito marcante desse setor é a questão de que o consumo de alimentos estragados e de má qualidade provoca uma repulsão pela pessoa e que provavelmente nunca mais vai voltar a consumir aquele alimento novamente. Esse fato é mais difícil de ocorrer em outro setor, pois a simples troca do produto já é suficiente para inibir um defeito de produção. Aqui, podemos citar também problemas de longo prazo ocasionados pelo consumo de agrotóxicos e substâncias nocivas ao corpo humano. Assim, o controle na qualidade dos alimentos é algo fundamental no processo, o que retoma a ideia de uma eficiente cadeia de produção e logística.

Questões Críticas

As reflexões apontadas neste artigo podem ser usadas para definir algumas ações possíveis para a evolução do setor nas próximas décadas. A primeira, mesmo que de forma um pouco óbvia para qualquer setor, é a questão dos investimentos em pesquisa e inovação que, para muitos, é algo desnecessário para o setor de alimentos uma vez que a demanda por comida será sempre uma constante no mundo. Esse pensamento, contudo, não leva em conta a questão da manutenção das empresas envolvidas no setor. A demanda, sim, sempre será constante, mas as empresas que atuam no mercado é que vão ser renovadas constantemente caso não haja investimento em novas tecnologias e técnicas, por exemplo. Outra questão, agora mais política, envolve a maior acessibilidade ao crédito, especialmente no Brasil em que a burocracia e morosidade dos processos inviabiliza algumas concessões. A Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), por exemplo, já possui um estudo em andamento para poder mensurar o quanto essa burocracia impacta o setor agroalimentar no Brasil, tanto na questão financeira, quanto na questão de tempo perdido.

Há também o associativismo, podendo ser definido como um conjunto de pessoas, empresas e até mesmo governos com o objetivo de obter benefícios próprios, seja na forma de uma associação formal (blocos econômicos, pessoas jurídicas, sociedades anônimas), seja de forma informal (como ocorre mais comumente em pequenos e médios negócios). Um exemplo muito comum é quando um grupo de fazendeiros se junta no interior para proporcionar investimentos na distribuição de energia e asfaltamento de vias. A burocracia, novamente, pode ter papel decisório nesse fato, sendo a responsável pela continuidade ou não do plano definido pela associação. Além disso, como já foi citado, a grande quantidade de subsetores cria um grande obstáculo para as empresas que é buscar agregar valor em cada uma dessas etapas para um produto satisfatório. Vale a pena ressaltar que a cadeia logística é a principal etapa e deve ser a prioridade número 1 nesse setor.

A questão final dessa argumentação que diz respeito às ações que já são tomadas hoje e que criam condições para um futuro promissor na questão agroalimentar. A primeira se refere à indústria 4.0. Podemos definir como a evolução natural das máquinas iniciada na primeira revolução industrial a um nível sobre humano, com o surgimento de

tecnologias como o *Big Data*, internet das coisas, inteligência artificial e automação de processos e atividades, por exemplo, seja no setor primário, industrial ou de comércio. Além disso, bastante citado na mídia, existem ações voltadas para o uso da biotecnologia. Aqui ela pode ser aplicada tanto na parte dos vegetais quanto nos animais, sendo possível modificar geneticamente as espécies para suportar condições mais extremas e aumentar as áreas de plantio das mesmas, aumentar o teor de nutrientes de vegetais (já existem sojas geneticamente modificadas no Brasil que possuem um teor de proteínas superior ao de seus pares), aumentar a durabilidade das plantas e até modificar o gosto para agradar públicos específicos. Inclui-se também o uso da nanotecnologia que contribui com a produção de embalagens biodegradáveis, por exemplo, que não perdem performance em questão de resistência, durabilidade e isolamento do alimento quando comparadas com embalagens tradicionais.

Inclui-se também as *Agitechs*, que podem ser definidas como startups e empresas de tecnologia que atuam no setor do agronegócio, apresentando soluções inovadoras para diversos problemas enfrentados pelas empresas. Podemos fazer um paralelo com as *fintechs* que são as empresas inovadoras recentes que atuam no mercado financeiro, como Banco Inter e Nubank. No Brasil podemos citar como exemplo de *agitechs* a *Olho no Dono* (estima a quantidade e o peso de rebanhos por meio de câmeras e *drones* espalhados pelo pasto), a *Inova Filtros* (trabalha com filtros que vão atuar na irrigação das plantações e evitar que materiais nocivos ao meio ambiente cheguem ao solo e lençóis freáticos) e a *Zaitt* (atua com a criação de pequenos supermercados que não necessitam de atendentes ou caixas de pagamento, sendo a compra realizada toda por meio de aplicativo).

As fazendas verticais vêm surgindo como uma solução para otimizar o uso do espaço rural e urbano para o plantio e cultivo de espécies em maior escala. No meio rural isso é feito com plantações em vários níveis/andares sobre uma mesma região e, no meio urbano, é feito utilizando a estrutura externa dos prédios e arranha-céus para a produção de espécies vegetais. Essa última traria benefícios mútuos, uma vez que além de proporcionar ganhos de escala de produção, proporcionaria a redução na temperatura dos centros urbanos e ajudaria na redução da poluição visual.

A adoção da chamada economia circular. Hoje os sistemas produtivos, geralmente, são feitos de maneira linear, onde a empresa produz um produto, distribui o mesmo, realiza a venda e, após o descarte dele, já não é mais preocupação da instituição.

Na economia circular essa ideia não é considerada, uma vez que se baseia na ideia de um ciclo sustentável em que uma etapa do ciclo do produto influencia e é responsável pela continuidade de outro. No Brasil, no ano de 2010, foi implantada a política nacional de descarte de resíduos sólidos, com o objetivo de aumentar a reciclagem desses resíduos e proporcionar o correto descarte deles. Contudo, por mais que já exista um encaminhamento por parte do país, as metas ainda são baixas, girando em torno de apenas 20% de reciclagem.

Considerações Finais

Logo, conclui-se que as empresas buscam se internacionalizar com objetivos diversos, como expandir suas vendas em países estrangeiros (novos mercados consumidores), redução dos custos de produção, aumento dos lucros, diminuição do risco atrelado ao seu país de origem (seja ele a moeda, a política ou a insegurança jurídica), criação de uma identidade comercial global, entre outros citados ao longo da dissertação. Entretanto, este não é um processo simples e nem barato que, segundo Cavusgil (2010), as empresas necessitam da participação de outras empresas como as intermediárias e facilitadoras objetivando diminuir o risco e a imprevisibilidade ao se expor ao mercado internacional.

As dinâmicas presentes atualmente no setor agroalimentar são de intensa competitividade, modernização/ inovação e investimento em tecnologias que busquem aumentar a produtividade, entretanto muito centralizada nos chamados “*big players*” (grandes empresas que praticamente dominam o setor). Apesar disso, o setor proporciona muitas possibilidades já que o mercado consumidor é exigente sobre as empresas e a mudança dos hábitos de consumo são constantes, onde muitas entidades não possuem a velocidade de adaptação necessária. Logo, neste exato ponto inicia-se a abertura de possibilidades para novas empresas se desenvolverem, ganhar reconhecimento no mercado doméstico e futuramente, internacionalizarem-se.

Referências

ARKOLAKIS, Costas et al. **Innovation and Production in the Global Economy**. American Economic Review 2018, 108(8): 2128 – 2173

CAVUSGIL, Tamer. **Negócios internacionais**. Pearson Educación, 2010.

COELHO, Diego Bonaldo; OLIVEIRA JUNIOR, Moacir de Miranda. **A internacionalização de empresas na agenda governamental contemporânea de desenvolvimento: reflexões críticas e analíticas para os negócios internacionais**. Cadernos EBAPE. BR, 2016.

COELHO, Diego Bonaldo; OLIVEIRA JUNIOR, Moacir de Miranda. A internacionalização de empresas na agenda governamental contemporânea de desenvolvimento: reflexões críticas e analíticas para os negócios internacionais. **Cadernos Ebape. br**, v. 14, p. 527-550, 2016.

COELHO, Diego Bonaldo; OLIVEIRA, JM de M. **As multinacionais brasileiras e os desafios do Brasil no século XXI**. Revista Brasileira de Comércio Exterior, 2012.

COMEX VIS: Visualizações de Comércio Exterior. MDIC. Disponível em: Acesso em 07 de jan. 2022.

COSTA, Luciano Souza; GARCIA, Luis Alberto Ferreira; BRENE, Paulo Rogerio Alves. A Indústria de Frango de Corte no Mundo e no Brasil e a Participação da Indústria Avícola Paranaense neste complexo. **Revista Ciências Sociais em Perspectiva**, v. 14, n. 27, p. 319-341, 2015.

DA COSTA, Lúcia de Fátima Lúcio Gomes e col. **Escolas Teóricas e Processo de Internacionalização: uma visão epistemológica**. Cad. EBAPE.BR, v. 15, nº 4, Artigo 12, Rio de Janeiro, Out./Dez. 2017

DICKEN, Peter, **Mudança Global – Mapeando as Novas Fronteiras da Economia Mundial**. São Paulo: Bookman, 2010.

GEOGRAFIA OPINATIVA: **Os próximos onze**. Geografia Opinativa. 2013.

GOLDMAN SACHS. **O Futuro pertence ao BRIC**. HSM Management, 2004.

HAMILTON, Leslie. WEBSTER Philip. **The International Business Environment**, 4ª Edição. Oxford University Press, 2018.

JACTO. **Acompanhe as principais estatísticas da agricultura mundial**, JACTO, 07 de agosto de 2019. Disponível em: <https://blog.jacto.com.br/agricultura-mundial/>. Acesso em: 24 Janeiro de 2022.

MAZZUCATO Mariana. **The Value of Everything – Making and Taking in the Global Economy**. Nova York, PublicAffairs, 2018.

MORINI, Thiago. **O negócio de alimentar a humanidade**. EL PAÍS, 24 de maio de 2015. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/05/22/economia/1432289810_956237.html>.

Acesso em: 30 de jan. de 2022.

NAKAMURA, Pedro. **“Será que a união dos BRICS não passou de um sonho?”**. Disponível em: <https://medium.com/@pedronakamura/os-brics-n%C3%A3o-passaram-de-um-sonho-c778d9ae7c> / Acesso em: 15 de jan.2022.

O’NEILL, Jim. **Building Better Global Economic BRICs**. Goldman Sachs Economic Research Group. Londres: Goldman Sachs, 2001.

O’NEILL, Jim. **THE N-11: MORE THAN AN ACRONYM**. Goldman Sachs Economic Research Group. Londres: Goldman Sachs, 2007.

PERES, R. Marconi. **Estratégias em negócios internacionais: fatores determinantes para o sucesso de uma trading company**. 2018.

SACHS, GOLDMAN. **Além do BRIC: um olhar para o the Next-Eleven**. BRICs book archives, cap, v. 13. 2021.

TOFFLER, Alvin. **O choque do futuro**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 1970. TOFFLER, Alvin, et al. **A terceira onda**. 1980.

Processo de revisão por pares

O presente Artigo foi revisado por meio da avaliação aberta. A rodada de avaliações com a revisão de Ricardo Luiz Perez Teixeira, Ronara Cristina Bozi dos Reis e Carlos Alexandre Camargo de Abreu. O processo de revisão foi mediado pela Profa. Dra. Priscilla Chantal Duarte Silva.